

JORNAL DO RECIFE

REVISTA SEMANAL.

SCIENCIAS — LETTRAS — ARTES



Assigna-se na Livraria Academica, rua do Imperador n. 79, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.
A redacção accella com reconhecimento qualquer trabalho que lhe offereçam.
Os manuscritos não publicados serão restituídos.

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO
DE
José de Vasconcellos
SEU PROPRIETARIO E PRINCIPAL REDACTOR.

Tanto para esta cidade como para qualquer ponto da provincia do imperio, o JORNAL DO RECIFE custa 54000 por semestre em pagamento adiantado. As pessoas de fóra que desejarem assigna-lo, remetam pelo correio em carta segura a importancia acima, com subscripto á redacção, que regular e pontualmente receberão os numeros delle, a proporção que se forem publicando.

Summario.

INDICE DO JORNAL DO RECIFE—ROMANCES, Uma de tantas, A guarida de pedra—VARIEDADE, Horrores da pena de morte—MOZAICO—POESIAS, A minha mãe, No rio ao luar—O QUE VAI PELO MUNDO—O QUE SE PASSA EM CASA

Uma de tantas.

Casar-se!

Ninguém, pelo que parece, tem pensado na gravidade desta palavra.

Casar-se! sete letras pelores do que os sete peccados mortaes. Monte-pio universal do sexo bello, levantado sobre as ruínas do sexo feio.

Sabeis o que é casar-se?

Sabeis donde começa o matrimonio e aonde acaba o aborrecimento?

Os prós e os contra desta cadeia; o doce e o amargo deste breve poema celestial; o feio e o bonito desse ente corcovado, revestido do mais selecto e impressionavel, do mais sublime e delicioso da natureza?

Pois vou dizer-vos.

A vida matrimonial é como a gotta de orvalho; uma collecção de quadros mais ou menos vivos, mais ou menos vistosos, porém que no fundo possuem o mesmo claro-escuro, o mesmo estudo, e igual assumpto.

O que vio um casado, vio um cento delles.

II

Meu amigo Pantaleão veio do mato; é um joven interessante; possui seis contos de réis de rendimento, enamorou-se da filha da senhora X. e cahio no laço.

Desgraçado! começa por se tornar inimigo capital de sua sogra.

Acostumado a vida do campo, recorda-se ainda de certas commodidades proprias dos seus antepassados.

Ella ao contrario, filha do tumulto e confusão em que nasceu, e que tem legado aos seus ternos pinpolhos, se subleva, se revolta e martyrisa, persegue e mortifica ao pobre Pantaleão.

— Ila de almoçar ao meio dia.

— Querida mamã, o meu estomago enfraquece.

— Beberá chocolate as oito horas.

— Senhora, na minha terra não se vive quatro horas com uma cicara de chocolate.

— Puf? quererá comer a essas horas um carneiro?

— Minha querida mamã!...

— Calle-se, prosalco; almoçará ao meio dia; jantará ás seis horas; deitar-se-ha ás tres da manhã; levantar-se-ha ás dez para ás onze.

— Ai mamã, mamã! Pare Vm. com o burrinho.

— Que diz elle? burrinho! Este rapaz cre estar correndo montado em alguma besta do engenho!

— Jesus me valha! e ter eu casado minha filha com semelhante...

— Senhora... senhora... Vm. me está fazendo ferver o sangue.

— Ai, meu Deus!

— A senhora quer entlicar-me.

— Puf! entlicica-lo!

— E saiba tambem que já me vou desgostando dos seus pufs; de suas denguiçes e algazaras. Eu me casei com sua filha para comer, para dormir, e...

— Calle-se, antropophago!

— Não me impaciente Vm.

— Inconsiderado...

— Não me zangue senhora... porque então perco a paciência, e...

Nesta occasião entra a rapagiga; ouviu o barulho, apressa-se, corre, e tras; ouve-se um ruido desgarrador, produzido pela sala do seu vestido de chamalote, enganchado n'um prego da porta.

— Oh! Jesus do Céu! diz a mãe. O vestido que apenas se acabou! Veja o senhor as consequencias do que fez.

— Não é culpa minha, o tambem não preciso ver porque sinto.

— Que quer dizer com isto?

— Nada, não senhora; somente que sua filha me cusca, um dia sim outro não, duzentos a trezentos mil réis.

Aqui os improperios; a rapariga assusta-se, soffoca-se e ameaça ao marido com uma syncope; em seu estado interessante podia ter um resultado fatal; elle a vista disto contenta-se, e tudo se accomoda offrecendo Pantaleão um vestido novo ainda mais rico, e um camarote no theatro lyrico.

Canta-se a Sonambula.

— Como cantam bem!

Elisa está deliciosa; a senhora X. satisfeita; Pantaleão em um dos cantos do camarote.

A rapariga faz o juizo critico da opera com o Dr. G. a mãe contempla sua filha, e Pantaleão mastiga uma pastilha de... chocolate.

— Oh! como é sublime aquella mulher! diz a rapariga.

— A senhora ainda é mais deliciosa, D. Elisa.

— Não diga isso, doutor. Se eu desse somente aquelle si bemol.

— A Sr.ª dá muito melhor o si sustenido.

— De veras?

— Ah!

— Mamã, me parece que Elisa se distrae.

— Está bom, já começa com as suas sandices.

— Digo-lhe q e...

A Sonambula vai passar o moiuho; as taboas estalam.

Elisa soffocada, palpitante, encosta-se no braço do doutor; este a sustem com ambas as mãos.

— Meu amigo, sua senhora desmaia; veja depressa um vidro d'agua de colonia. O marido sae, procura e volta... sua mulher está já tranquilla; o doutor toma-lhe o pulso, e a mãe agradece ao genro a solcitude.

Ao sahirem do theatro o marido ralha com a mulher; esta enfurece-se e tem tres ataques de nervos, e não fica tranquilla senão depois que Pantaleão promette que convidará o doutor para vir jantar um dia com elles.

Pantaleão é feliz; cada dia fica mais delgado, delgadissimo; já tem credores; morreu-lhe dous filhos; sua mulher engorda; a sogra renova de seis em seis mezes os moveis de casa; e dia sim dia não bem diz o pobre homem as delicias da vida conjugal.

Cheio de desgostos e dividas, começou por gozar as doçuras de uma hora e acaba por apurar as amarguras de um dia eterno, interminavel.

Infeliz Pantaleão.

Isto é casar-se; isto é ser feliz; isto é o que chamamos essencia das essencias, delicias das delicias, felicidade das felicidades!

Não vos caseis!

Pobre de mim! estou louco; minha mente se extravia, sou a presa de uma vertigem infernal; prego doutrinas que não sei explicar, e maximas que não sei cumprir.

Eu fallando mal do casamento!

Eu profanando o santo laço do hymeneu!

Eu advogando o solterismo!

E comprando um balão para minha mulher!

A guarida de pedra.

CRENÇAS POPULARES.

(Por L. N. F. Varella.)

Eu tinha chegado a Santos no vapor Josephina, essa pobre Josephina que já cansada de sua misera existencia, e alquebrada pelos fardos immensos que de continuo supportava, disse adeus á luz do sol, e foi dormir nos palacios de coral junto ás ossadas do Leviathan e do Mastodonte, arrebatando consigo grande numero de exemplares das primeiras obras de um joven poeta muito meu conhecido. Estavamos no mez de Novembro; o calor era insupportavel, os mosquitos nos perseguiam atrozmente, a mim e mais dous companheiros que me olvidel de mencionar, como se fossem outros tantos Pharaós, e o resto desse enjão tão amaldiçoado por D. Juan, nos torturava o estomago horriavelmente. Tíhamos-nos hospedado no Hotel D. onde passamos um dia inteiro a apreciar o novo Batel que repre-

sentava um Inglês discutindo com dous Francêzes e trez Allemães; as monotonas tocadas de um bilhar sempre occupado, e o aroma gastronomico dos camarões e lagostas que não estava muito em harmonia nesses momentos com o estado despéptico de dous luxos doentes.

A tarde meus dous amigos vestiram-se cuidadosamente, e accendendo os indispensaveis charutos, cada um tomou para si o seu. Eu porém que me achava horrivelmente spleenético peguei em um cigarro de sand — As cartas de um viajante, julgo eu, e dirigindo-me para a praia aluguei uma canoa e ordenei que me conduzissem á Bertioga, onde tinha um pescador meu conhecido, homem de oitenta annos, agradável ao ultimo ponto, e excellente narrador de legendas.

Era já bastante tarde quando cheguei. Saltei a praia e dirigi-me á casa de meu velho amigo; batti, o octogenário recebeu-me com vivas demonstrações de alegria e puxando um escabelo fez-me sentar.

O calor era intenso, mas entretanto um grande fogo de ramos seccos ardia no meio da cabana, e alumiaava, com seus clarões, vermelhos e tremulos, as denegridas paredes donde pendiam arpões de ferro; redes de finas malhas, e mais outros arranjos que só empregam-se nas pescarias.

Como estava inundado de suor lancei minha sobrecasaca e chapéo a um lado e desapelei a gravata, e depois de haver conversado algum tempo com o pescador, sobre cousas geraes, pedi-lhe que me contasse alguma historia desses lugares. Por alguns minutos concentrou-se o ancião como para folhear o livro das recordações da sua longa vida, depois disse-me:

— Vou vos contar uma triste historia succedida bem perto de nós, na fortaleza da Bertioga. Eu era muito pequenino quando ouvi o barulho que produziu este acontecimento, ouvi-me.

E unindo os tições da fogueira, deu começo á narração. Eis pouco mais ou menos o que me contou elle.

« Havia ha muitos annos, no fim da muralha principal que protege a fortificação de S. João da Bertioga, uma guarida feita de uma só pedra, onde nas noites de chuva e tempestade se abrigavam os soldados que faziam sentinella. Tinha essa guarida duas janellinhas gradeadas de ferro, em forma de cruz, que davam ambas para o mar, e no chão bem no fundo, uma especie de respiradouro ou buraco que servia para deixar ahir as agoas que por ventura a invadissem. Por baixo levantavam-se grandes e escarpados rochedos onde as vagas se arrojavam, saltando continuados borrifos de refervente escuma, e desprendendo lamentosos rugidos.

No tempo em que o tenente R. era commandante da fortaleza, os habitantes das immedições fallavam do visões e espectros medonhos que, justamente quando o bronzeo relógio acabava de soar a ultima pancada de meia noite, appareciam junto á guarida de pedra horrorizando e assombrando tudo. Os soldados tinham-se tornado escravos de um terror sem limites; pediam de continuo ao commandante que tivesse compaixão delles, que os poupasse ás scenas diabolicas que soiam acontecer todas as noites, que mandasse emfim benzer por um padre aquella guarida maldicta; porém elle sorria-se desdenhosamente, chamava-os de medrosos e covardes, e os obrigava a tomar seu posto.

Uma noite distribuindo as sentinellas mandou para a guarida de pedra o soldado André. O pobre homem lançou-se aos pés de seu superior, pediu em nome de quantos Santos

existem que o dispensasse por aquella vez; porém severo e inflexivel, o commandante disse-lhe duras palavras, fez-lhe rispidas ameaças e o misero soldado não teve remedio senão resignar-se e ir para o posto tremendo, onde lhe era dever velar até que outro o fosse substituir. Quando tinha decorrido o tempo marcado para a vigia de André, e um seu camarada viera tomar-lhe o lugar, encontrou-o este de bruços, livido e sem sentidos, a espingarda e o capote lançados a um lado. Recolheram-no á enfermaria e no outro dia elle principiou a contar aos companheiros a visão que tivera durante a noite.

O commandante entrava nesse momento.

— Então, André, como vaes? perguntou elle.

— Melhor um pouco melhor, meu commandante, respondeu o soldado; o susto quasi me matou.

— Que historia de susto estás ahi a dizer?

— Meu commandante eu vi, eu...

— Então e que foi que viste? conta-me isso deve ser divertido, disse R. com voz motejadoura.

O soldado olhou algum tempo fixamente para o commandante e callou-se.

— Porém tu não dizes o que viste? perguntou este.

— Se eu contar não o acreditareis, pensei que é uma mentira, ou que foi o medo que me enganou, entretanto ahi está Guilherme que tambem viu.

— E' verdade, disse um soldado corpulento adiantando-se, foi no sabbado quando eu estava de sentinella, por signal que quando Francisco me veio substituir eu estava tremulo e branco como um defunto.

— E' verdade attestou Francisco sahindo tambem de seu canto.

Emfim a guarda toda tinha por experiencia propria conhecimento da apparição das almas do outro mundo na fortaleza, excepto o velho Gustavo e o pequeno Joaquim que só o sabiam por ouvir fallar.

— Bem, disse o commandante, silencio; agora tu André conta-me minuciosamente o que viste.

O soldado levantou-se um pouco sobre o cotovelo, passou a mão pela testa, e fallou desta maneira:

— Eu estava encostado á guarida com minha espingarda ao lado e asobiava para deslutar-me do medo que se tinha apoderado de mim. Sem uma estrella acordada, o céu era negro como uma fumaça, o vento corria desesperado, e o mar empolado batia com tal furia sobre as pedras que até fazia a escuma entrar pelas janellinhas da guarida. De repente o relógio principiou á tocar; contei até onze pancadas, quando chegou as doze, ouvi uma gargalhada tão estridente, tão medonha, que os cabellos se me arrepiaram na cabeça, e a espingarda cahiu de minhas mãos tremulas; a gargalhada tinha soado perto, bem perto, á quatro passos de mim!... Nossa Senhora mesmo parece-me, que ainda a tenho nos ouvidos!...

André interrompeu-se, os camaradas benzeram-se, o commandante disse com interesse:

— Continua meu rapaz, continua.

O soldado proseguiu nestes termos:

— Ainda bem a gargalhada não tinha acabado de soar, que eu escutei o som lugubre e funerario de uma sineta, era toque lento e compassado como o que annuncia um enterro. O suor corria-me em bagas pela testa, meus dentes rangiam com força e minhas pernas tremiam como varas verdes. Voltei o rosto para o lado.... Oh meu Deus! era horrivel o que eu vi!...

— Então callas-te!... gritou o commandante já um pouco impressionado.

— Eu vi, continuou André lentamente, vi uma figura sombria e medonha: era um frade; o capuz cobria-lhe a cabeça, e lá dentro, á luz amarelenta de um cirlo que trazia na mão, divisei um rosto livido e esverdeado como o de um cadaver, e dous olhos que ardentes e inflamados me faziam correr calafrios nas veas. Atraz delle vinham quatro vultos mais alvos do que a neve, e seguravam com uma mão um archote fumarento, em quanto a outra sustinha um caixão mortuario. Elles caminhavam lentos que parecia gastar uma hora para mover um pé; e cantavam com voz tumular e cavernosa a encomendação dos defuntos. Um vento gelado e furioso corria por todos os lados, as aves da morte plavam desoladamente, as ondas exalavam soluços freneticos, batendo-se umas contra as outras. Entretanto a diabolica procissão caminhava sempre. O frade que ia na frente estava ja perto, e estendia seu braço de esqueleto para me agarrar.

— Valha-me Nossa Senhora! gritei eu, então tudo sumio se, frade, espectros, caixão mortuario, e eu caí sem sentidos no chão!

Os soldados estavam pasmos e horrorizados, o commandante pensava.

— Entretanto eu não sonhava, nem estou agora mentindo, disse André, vi com estes dous olhos que a terra é de comer, e.....

— Qual viste! qual viste!... não viste cousa alguma, gritou uma voz fóra da porta e um soldado corpulento e trigueiro entrou arrebatadamente.

— Perdão, meu commandante, perdão, disse elle sorprendido deparando com seu superior.

— Vem cá, disse este, então tu não crês no que contou teu companheiro?

— Eu não, senhor, respondeu o soldado, essas cousas só apparecem aos medrosos e covardes e eu nada tenho disso.

— Então eu sou medroso, sou covarde, Jorge? disse André, olhando fixamente para o rosto bronzeado de um seu camarada.

— Tu? tu és mais poltrão do que uma gallinha.

— Pois olha, retorquiu André, se estivesse no meu lugar, talvez te custasse mais caro.

— Ah! ah! ah! gargalhou Jorge; para te mostrar que tudo isso não passa de asneiras, e voltou-se para o commandante, eu peço licença meu commandante, para ficar hoje de sentinella na guarida de pedra.

Os soldados olharam todos espantados para Jorge, julgavam impossivel que depois da narração de André, alguém se lembrasse mais disso. Sabiam, é verdade, que o soldado valente e destemido, que seu corpo estava coberto de cicatrizes, que nunca recuara ante o numero dos inimigos fosse elle qual fosse, porém achavam temeridade, loucura, o tentar elle combater com espiritos.

A licença foi concedida. Quando chegou a hora Jorge escondeu a espingarda, carregou duas pistolas, e foi-se postar cantarolando na guarida. Seus companheiros viram no preparar-se espantados de tanto sangue frio, e foi com uma especie de terror que o viram descuidadamente metter-se no seu abrigo de pedra, á espera dos tremendos inimigos. Depois retiraram-se todos e puzeram-se a conversar junto do fogo, com o ouvido alerta.

A noite era negra e tempestuosa, os ventos rugiam pela floresta, lugubres e desenfreados como os sombrios demonios do — Ramayan — as ondas referventes de ardencias agitavam-se com espantosos rugidos como se desfendessem o mysterioso thesouro dos Nibelungen,

o trovão retumbava pelo espaço como o ronco de uma população de Titans adormecidos.

Quando o relógio principiou a soar lenta e lugubrememente as badaladas de meia noite Jorge apromptou suas armas, e pôz-se á espera do que viesse.

Quando porém a decima segunda pancada acabou de soar o soldado sentio uma ventania tremenda, devastadora como o simoun Asiático, que parecia derribar tudo em sua passagem, e o dobre longiquo da sineta dos mortos acompanhada de uma psalmodia chegou a seus ouvidos. O valente soldado estremeceu um pouco, mas rehavendo depois todo o sangue frio rio se comigo mesmo e murmurou: É o vento, é a tempestade que rugue. Entretanto o toque aproximava-se cada vez mais, e o côro medonhamente solemne resturgia abafando o bramido das vagas.

Dir-se-hia que tenho medo? fallou Jorge, porém não, é preciso ver; o deu um passo fóra da guarida.

Lá vinha o medonho frade na frente, com sua face esverdeada e sinistra, seu olhar de Satan debaixo do capuz; atraz delle á luz macilenta dos cirios, seguia-se o caixão conduzido pelos quatro espectros alvos como a neve. Jorge sentio os cabellos se arriparem e o frio do terror correr-lhe pelo corpo, porque extranha procissão aproximava-se mais e mais, e vinha em sua direcção. Avançou mais um passo e gritou com a voz alterada preparando a espingarda:

— Parai ahí!... senão faço fogo! Os fantasmas porém caminhavam sempre, e já estavam a poucos passos. Então Jorge levou a espingarda ao rosto e fez fogo.

Nesse momento um vento glacial e empestado passou-lhe pela frente e tomou-lhe a respiração; o soldado cahiu como se sentisse o peito despedaçar-se debaixo de garras de bronze.

Os companheiros ouviram o tiro e benzeram-se, mas possuídos pelo terror não ousaram ir ver o que era.

No outro dia a guilhotina estava deserta. Pelas janellinhas via-se fragmentos de roupa ensanguentada e pedaços de carne humana, agarrados ás grades de ferro. A' entrada no chão estava um capote militar ensopado de sangue escuro e coalhado pelos frios da noite, e uma espingarda a poucos passos com o cano quebrado e torcido como se fosse de cera!

Não foi possível achar-se os restos do misero soldado; uma mão terrivel e mysteriosa cobria de sombras todo este drama de horrores e de sangue.

Algum tempo depois benzeram a guarida, novos soldados vieram a fortaleza e de Jorge e seu fim tragico só ficou a tradição.

Aquí o ancião acabou a sua narração e calou-se, eu puz-me a meditar.

No outro dia pela madrugada despedi-me do pescador. A aurora era bella e suave, um bando de alvos passaros rastejava o mar quedo com as azas levianas, uma brisa matinal carregada de effluvios marinhos battia-me pelo rosto. Entrei na canoa e parti.

Chegando contei a meus amigos a triste legenda do soldado, e entre uma xícara de café e a prosa escrevia-a como ahí está.

(CORNEIO PAULISTANO.)

Horrores da pena de morte.

Um certo J. White foi condemnado á morte nos Estados-Unidos por crime de assassinato, e devia ser executado a 15 de Agosto ultimo em Salem (Ilhiws). Na prisão em que elle

estava havia uma corrente da extensão de tres pés, e solidamente fixada no chão. Servia para alli se prenderem os reclusos. Por esforços sobrehumanos conseguiu elle arranca-la, enrolando-a em volta de um grande anel que tinha uma das extremidades, e fazendo desta maneira uma especie de massa. Assim armado, collocou-se atraz da porta, e declarou, debaixo dos mais horribes juramentos, aquelles que iam busca-lo para o conduzir ao supplicio, que nenhum entraria, ali vivo. Passado um momento de hesitação, produzida por esta ameaça, o sheriff Blacka acompanhado de quatro homens resolutos, tentou penetrar na prisão, mas foi recebido com um golpe terrivel; que elle conseguiu evitar felizmente, mas que ainda lhe fez um ferimento ligeiro na mão.

Alguem propoz que se lançasse ammoniaco ao rosto do condemnado, afim de produzir uma suffocação momentanea, que se aproveitaria para se entrar e manietar o preso. Tentou-se este meio, mas não produziu resultado. O preso recuou primeiro pela acção do liquido; mas, re-tabelecendo-se promptamente, voltou a tomar o seu lugar atraz da porta, sempre armado do formidavel engenho, e parecia o diabo encarnado. Aconselharam então ao sheriff que lhe disparasse um tiro de pistola; o magistrado respondeu que não empregaria este meio senão depois de exhaustos todos os outros. E se se fizesse uso do chloroformio? disse um dos circumstantes. A idéa parecia boa. Buscaram-se duas garrafas deste liquido, que foi espalhado na prisão de maneira que impregnasse completamente a atmosphera com os seus vapores, enquanto fóra se suspendiam as correições das janellas engradadas e se tapavam todas as aberturas por onde podesse entrar o ar.

O condemnado de principio rio-se desta nova tentativa. Era evidente que aquelle homem, na sua criminoso carreira, tinha tido occasião de se familiarisar com o uso e effeitos do chloroformio. Mofou dos officiaes da policia por empregarem um meio tão fraco e insignificante.

Para se preservar da acção daquelles vapores, envolveu o rosto em uma cobertura e, aproximando-se de tempos a tempos de uma das janellas, afastava o panno, e dava passagem ao ar exterior, de maneira que lhe alcançasse os orgaos respiratorios.

Mais de uma hora se passou nesta luta sem resultado, e já se tratava de recorrer a medida mais energicas quando o condemnado, sentindo-se perder a coragem e as forças, pediu para capitular. Consentio em dar a sua arma e a entregar-se livremente aos executores, com a condição que lhe serviriam um bom jantar, acompanhado de um copo de wi-ki, e que o deixariam viver até a 1 hora da tarde. Sendo aceita esta proposta, White fez passar a sua massa pelas grades da porta; foram-lhe depois servidos o jantar e o copo de wi-ki, e á 1 hora da tarde o sheriff entrou na prisão. White dirigio-se para o magistrado, e declarou que estava prompto a segui-lo. Deixou prender as mãos atrás das costas, e desceu as escadas da prisão com passo firme e resolutos, para se encaminhar ao lugar do supplicio.

Depois de uma curta oração junto do patibulo, subio os degraus com a mesma firmeza apparente. Mas na plataforma devia ter lugar a ultima scena. Quando lhe quizeram, segundo o costume, lançar o fatal barrete branco, repellio-o com violencia, e lutou por espaço de uma hora contra os executores, mordendo-lhes nos dedos, ora saltando, ora lançando-se por terra, e, ainda que ligado,

mostrava tanto furor e desesperação que por um instante se duvidou da possibilidade de domá-lo. Finalmente lançou-se-lhe o barrete, sendo fortemente preso. Só faltava passar-lhe a corda ao pescoço, e ajustar bem o nó corredizo. Esta operação, que exigio os esforços reunidos de quatro homens, conseguiu-se com difficuldade. Tendo o sheriff machucado no nó, para o collocar melhor pela parte de baixo da orelha, o paciente exclamou com uma imprecação terrivel: — Para que me suffocais? Fazeis-lo, porque eu não posso fallar. — Foram estas as suas ultimas palavras. A um signal do sheriff o laço correu, e o corpo do infeliz balançou no ar, nas ultimas convulsões da agonia.

Mosaico.

— Achando-se um navio em grande perigo, durante uma furiosa tempestade, promettia um marinheiro a Senhora da Bonança que, se o levasse a salvamento, lhe offereceria um cirio da grossura do mastro grande do navio. O tro que lhe observou a impossibilidade de cumprir um tal voto. « Cala a boca, tolo, » respondeu elle, isto é emquanto dura o perigo, porque me apanhando em terra não lhe dou nem da grossura do meu dedo min-dinho. »

Pouco depois da restauração atravessava Luiz XVIII as ruas de S. Diniz á volta de um passelo, e por toda a população fazia resoar os gritos de « viva o rei ». Um individuo sahio de uma casa, trazendo ainda na mão umas salchichas que estava enchendo, e com voz de trovão começou a gritar « viva o porco cevado, viva o porco cevado ». Isto causou alguma agitação, e o homem foi logo preso. No dia seguinte o ministro da justiça veio dizer ao rei que em virtude de requisição do procurador geral da corôa, aquelle individuo ia ser levado perante os tribunaes pelo crime de injuria e offensa contra a pessoa de S. M. « Pois que! » responde Luiz XVIII, e vós não me trazeis já para assignar o decreto de dimissão de um magistrado tão estúpido, que penou e fez publicar que o grito de viva o porco cevado, soltado ao acaso quando eu passava, podia ser applicado á minha pessoa? »

A minha mãe.

MELANCHOLIA.

É funda a minha dôr; o mundo vario
Não a pôde sondar, nem entender...
Coorb-me bem, ó anjo, co'o sudario
As feridas do peito se eu morrer.

FRANKLIN DORIA.

Meu Deus! si na vereda da existencia
Hel de pisar espinhos e não flores,
E caminhar co'os pés ensanguentados
Tragando o pão das dôres;

Si não hel de beber nectar um dia,
E na fronte enramar verde laurel,
Si não hei de esgotar — cantando — a taça
Do mais doce hydromel;

Antes a noite do sepulchro venha
Derramar sobre mim os seus negroses:
Na fronte me reflieja o sol dos mortos
Phantasticos fulgores!